

OS AÇORIANOS E A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE UMA IDENTIDADE COLETIVA

Cleusa Maria Gomes Graebin

Resumo

O presente artigo busca efetuar um mapeamento da imagem inscrita numa parcela da historiografia sul-rio-grandense que aponta os açorianos como agentes históricos fundamentais para a formação da identidade da sociedade rio-grandense.

Palavras-chave

Açorianos, historiografia, identidade, imagem.

Resumen

El artículo pretende efectuar un mapamiento de la imagen inscrita en una parcela de la historiografía del Estado de Rio Grande do Sul que apunta a los azorianos como agentes históricos fundamentales para la formación de la identidad riograndense.

Palabras clave

Azorianos, historiografía, identidad, imagen.

Em certa parcela da historiografia sul-rio-grandense¹, o tema *açorianos* tem tido um espaço considerável. As obras que a compõem enfocam a história do Rio Grande do Sul a partir de um paradigma luso-brasileiro (TORRES,

¹ Sobre historiografia sul-rio-grandense ver GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1992.



1994)², predominando, segundo Osório (1999, p.14), um conjunto de reflexões com abordagens políticas, militares, diplomáticas e administrativas.

Seus autores, nominando esse grupo de colonizadores por “casais”, por “ilhéus”, ou por “açorianos”, produziram interpretações e apontaram uma identidade³ que foi atribuída à sociedade rio-grandense, delimitada a partir de representações⁴ construídas sobre os açorianos.

Para os historiadores do paradigma lusitano do desenvolvimento histórico do Rio Grande do Sul, os açorianos, movendo-se pelos mesmos hábitos, costumes e ideais trazidos das Ilhas, teriam contribuído para a homogeneização social e a construção de uma sociedade democrática e progressista no Estado. Aos açorianos foi atribuída a geração do respeito religioso e moral, da nobreza dos sentimentos, dos princípios de honra, dos símbolos de honestidade, bravura, patriotismo, moralidade e justiça que, segundo esses autores, são elementos componentes da identidade sul-rio-grandense.

Para essa corrente, os homens são fruto de sua *cultura*, ou seja, foram forjados no decorrer dos séculos, reproduzindo tradições, hábitos etc. Os açorianos, então, teriam fornecido os elementos *de progresso, de cultura e de civilização* determinantes para a construção identitária do gaúcho.

A partir dessas considerações, este artigo busca efetuar um mapeamento da imagem inscrita numa parcela da historiografia sul-rio-grandense que aponta os

² Torres trabalha neste texto a forma como a historiografia tem abordado a caracterização dos agentes históricos na formação do Rio Grande do Sul, pensando essa problemática em termos de paradigmas de formação colonial: paradigma indígena, missionário e luso-brasileiro.

³ Sobre identidade ver CUCHE, D. Cultura e identidade. In: ____ (org.). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999, p. 175-202. BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico, memória e sociedade*. Lisboa: Difel, [s.d.], p.115.

⁴ Sobre o conceito de representação ver CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Bertrand Brasil [s.d.], p. 23.



açorianos como agentes históricos fundamentais para a formação da identidade dos gaúchos.

Não se pretende, com isso, aprofundar um debate historiográfico e teórico sobre essa questão. A intenção é dedicar um espaço para introduzir esses dados, frutos da pesquisa que se está empreendendo sobre a presença açoriana no Rio Grande do Sul.

Os olhares da historiografia sobre os açorianos

Barcelos, 1922, P. 12.	Ao invés do tumulto e do caos étnico das agregações humanas que se formavam ao acaso da existência abarbarada do ultramar, em que se misturavam degredados e fidalgos na mesma licença sem brida e nem governo, surgiram entre nós corpos sociais homogêneos, organizados desde os seus fundamentos. Com efeito, só a terra muda para os açoritas. Em lugar das ilhas nativas, rodeadas pelo oceano, a paisagem nova do cenário americano. Lavradores, o seu trabalho consistia em agricultar a terra, cultivando o trigo e a vinha, como na pátria de origem. Nem a alimentação diversificada daquela à que estavam afeitos, continuavam no novo 'habitat' o insulamento social em que tinham vivido, conservando os mesmos hábitos, os mesmos costumes, as mesmas crenças, sob condições climáticas semelhantes às do arquipélago.
Goulart, 1985, p. 44.	Os açorianos não eram nobres fidalgos, deslocados das louçanias palacianas para as plagas agrestes do Novo Mundo. Eram humildes agricultores, acostumados à simplicidade da vida rural em sua terra nativa, e que neste território continuavam a antiga e calma existência que antes levavam”.

Construída de fora, a imagem que se apresenta possui uma grande unicidade, na qual a condição dominante está associada preferencialmente à agricultura.



Identifica-se o açoriano com o agricultor, visualizado como entidade distinta, estanque e irredutível em seus hábitos culturais, modo de vida e interesses.

Designa-se também esse grupo como açoriano/açorita, apoiando-se na sua procedência e, através dessa designação, são delimitados como um grupo étnico que mantinha uma diferenciação frente aos outros grupos presentes no Rio Grande do Sul.

A tônica regionalista, essa carga de distinção que a sociedade sul-rio-grandense construiu ao se pensar e ao se apresentar, estudada por pesquisadores de várias áreas, já aparece no primeiro testemunho: o autor designa como *caos étnico* a formação social do restante do Brasil e como *corpo homogêneo* a sociedade sul-rio-grandense.

Neis 1975, p. 40.	Os elementos mais excelentes da península, pertencentes à nobreza portuguesa. Dotado de natural vivacidade, trabalhador, liberal, hospitaleiro, generoso, alegre, expansivo, morigerado, caritativo, vigoroso e sóbrio, inimigo da vida militar.
Neis, 1975: p. 51.	As povoações açorianas distinguiram-se pela profunda religiosidade [...] pela fidelidade às tradições e à família [...] o açoriano contribuirá para a formação do caráter do gaúcho, a um tempo altivo e belicoso, generoso e hospitaleiro.
Rosa (apud Lazzarotto, 1978, p. 57).	[...] portadores de uma excelente tradição doméstica, os açorianos, com seus lares fechados e severos, legariam ao gaúcho uma herança moral de incalculável valor. Morigerados, trabalhadores, alentados pela presença de mulheres de vontade rija, devotados ao meio familiar, os açorianos, em um verdadeiro milagre de adaptação ao meio, far-se-ão dentro de pouco tempo nas nossas savanas, os cavaleiros e soldados destemerosos e galhardos, que iriam fazer um título de honra e orgulho da vaga e depreciativa expressão gaúcho.



Fortes, 1941, p. 161.	[...] os açorianos contribuíram para a nossa evolução com o contingente de seu sangue nobre, de sua índole ordeira e resignada, de seu coração abundante de sentimentos generosos. Devemos a essa corrente de imigração o isentar a família rio-grandense do cruzamento com elementos inferiores do indígena e do negro permitindo assim a criação de uma raça sadia física e moralmente.
Laytano, 1956, p. 61.	O tipo antropológico do gaúcho ou do rio-grandense herdou traços predominantes do açoriano e o tipo físico mesmo em certas regiões, é nitidamente ilhéu.
Laytano, 1978, p. 22.	[...] a colonização açoriana no sul, é uma originalidade que não se dirá étnica mas, quem sabe, propriamente moral. Colonização com casais. Marido e mulher. Quer dizer o lar organizado, a família pronta, a constituição de bases decentes, sólidas etc... Os casais tiveram e representaram este papel. Os casais açorianos fixam este sentido confortador, na história do povoamento brasileiro.
Varela, 1897, P. 34.	Os casais açorianos aqui aportados traziam consigo em toda a plenitude as qualidades e a feição pura do português velho, arcaicas já de há tanto no reino. Os costumes conservados naquele isolamento, em meio dos mares, refluíam, deparando-se-lhes, aqui, campo adequado à sua expansão.
Lima, 1935, p. 57.	[...] odeia a vida militar, mas no campo de batalha é fiel a disciplina e dá provas de valor, [...] depositário da maior quantidade das tradições da língua, poesia popular, usos e costumes da mãe-pátria.

As imagens visualizadas por esses historiadores levam a uma noção de identidade como algo que permanece em um grupo apesar das mudanças sociais, políticas e econômicas, tornando estático algo que é dinâmico. Essa é uma visão que agrada a interesses de grupos e ideologias variadas (por exemplo, regionalismo



versus nacionalismo). Inventam-se identidades para legitimar a cultura própria, para se construir fronteiras, ou se idealizar o passado através do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido.

Essa identidade tem um significado que só pode ser decifrado conforme o contexto histórico em que foi construída. O primeiro referencial parte do discurso republicano das lideranças da Revolução Farroupilha (1835/45) que se relaciona com a idéia de liberdade, moral, justiça, aplicação das leis. O segundo referencial parte do discurso republicano do PRR, criando a utopia industrial (CARNEIRO, 2000)⁵. A idéia é a de um gaúcho ordeiro, organizado, com normas rígidas e trabalhador (ALBECH, 1996)⁶.

Sobre a construção de uma imagem para os açorianos no Rio Grande do Sul e o seu uso para buscar uma origem étnica para o gaúcho, Ramos (1997, 103-113) afirma que historiografia e literatura contribuíram, produzindo diferentes construções imagéticas no mesmo espaço, mas em diferentes momentos. Os açorianos foram representados em primeiro lugar como trabalhadores grosseiros e brutos, após, como trabalhadores pacíficos e ordeiros e, por último, como valentes os homens, santas as mulheres.

O regionalismo gaúcho necessitou dessa imagem do açoriano para acudir à sua identidade de origem como recurso cultural de sobrevivência dentro de um proces-

⁵ O autor discute, entre outras, a questão de as idéias de cultura, tradição e identidade estarem diretamente ligadas ao processo político-social sul-rio-grandense e como a memória deste processo é acionada por posturas que alimentam tal memória, como a adotada em parcela da historiografia local.

⁶ Segundo a autora, a imagem do gaúcho associada a um tipo idealizado, vigilante e destemeroso em defesa da terra brasileira deve-se ao discurso republicano do PRR que seguindo a doutrina comtiana do progresso social reinterpretaram o núcleo simbólico de união e coesão da raça, de unidade moral e mental. O mito do gaúcho reatou o fio da história como uma raça sociável, ordeira e com unidade moral que levaria o Rio Grande ao progresso social. A questão da homogenização racial está refletida em certa parcela da historiografia que busca especificar a origem do gaúcho na formação racial açoriana da qual herdou em seu caráter o respeito religioso e moral, a nobreza dos sentimentos e os princípios de honra, qualificativos universais do núcleo mítico.



so de transformações políticas (séc XIX – XX), período da formação do Estado-Nação brasileiro. Essa imagem fundamentou e legitimou práticas e direitos.

Ao nos debruçarmos sobre a elaboração dessa identidade plasmada em elementos culturais dos açorianos, percebe-se que não estava deslocada do processo de reetnização de outros grupos como italianos, alemães etc; e de fenômenos como regionalismos separatistas. O Rio Grande do Sul é uma fronteira geopolítica, étnico-cultural demarcada por um *continuum* de experiências de produção de alteridades e complementaridades. Encontrou-se no açoriano o agente explicitador da identidade regional, o símbolo da alteridade da sociedade sul-rio-grandense frente ao restante do Brasil.

O gaúcho, como espécie de *portador* de certa *cultura tradicional* e emblema de uma identidade local e como tipo antropológico, foi idealizado por uma historiografia marcada por uma posição etnocêntrica, isto é, pela “[...] maneira pela qual um grupo, identificado por sua particularidade cultural, constrói uma imagem do universo que favorece a si mesmo” (TELLES, 1984, p.39).

Atualmente, outras abordagens buscam a “açorianidade” dos gaúchos com outros fins. Um grupo de municípios do Rio Grande do Sul (Litoral Norte), por exemplo, trabalha no sentido de resgatar suas origens açorianas, enfatizando as origens e a herança cultural comum, para “iniciar um processo de desenvolvimento turístico [...]” (GHISLENI, 1991, p. 9).

Algumas práticas simbólicas e sócio-culturais apontam na direção de marcações desta identidade açoriana:

a) a religiosidade, representada pelo culto ao Espírito Santo (iniciado em Portugal, levado para os Açores e transmigrado para o Brasil); pelas Irmandades do Espírito Santo; e, ainda no Ciclo do Divino Espírito Santo, as Folias (dos Reis e do Divino);



b) as festas: as Cavalhadas em Gravataí, Santo Antonio da Patrulha, Viamão, São Lourenço do Sul, entre outros municípios;

c) a literatura oral: os adágios, as adivinhas, as xácaras (romances com conteúdo dramático, prevalecendo o diálogo); as trovas (desafios em versos em que os cantadores exibem habilidade e destreza de pensamento).

Como a *açorianidade* do gaúcho está sendo reinterpretada a partir do projeto *Região Açoriana* dos municípios do Litoral Norte, pode vir a se constituir em instigante tema de pesquisa.

Conclusão

Após efetuar esse mapeamento, procurando desvelar as imagens que se constituíram como fundamentais para a construção da auto-imagem e da identidade do gaúcho, percebeu-se que a identidade é uma construção simbólica que carrega representações e classificações referentes às relações e às práticas sociais. Desse modo, não se trata de propriedades essenciais e imutáveis, mas sim de traços classificatórios auto e alteratribuídos, que podem ser manipulados em função de conflitos e interesses em jogo, que marcam as fronteiras entre os grupos, assim como a natureza e os limites do real. Não se trata de uma qualidade perene transmitida desde o fundo dos tempos, mas sim de uma construção presente que recria o passado com vistas a um futuro desejado.

Verificou-se, também, a importância da auto-interpretação que uma sociedade dá à sua própria trajetória histórica, procurando dar a ela um destaque, assegurando a sua singularidade sócio-política e cultural, no esforço de atestar a sua alteridade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBECH, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho*. História e mitificação. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- BARCELOS, Rubens de. Esboço da formação social do Rio Grande. *A Federação*, Porto Alegre, 7-11, 1922.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico, memória e sociedade*. Lisboa: Difel, [s.d.].
- CARNEIRO, Newton Luis Garcia. *A identidade inacabada: o regionalismo político no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Bertrand Brasil [s.d.].
- CUCHE, D. Cultura e identidade. In: _____. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999, p. 175-202.
- FORTES, João Borges. *Rio Grande de São Pedro (povoamento e conquista)*. Rio de Janeiro: Gráficos Bloch, 1941.
- GHISLENI, Maria Helena Peña. *Açorianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Caravelas, 1991.
- GOULART, Jorge Salis. 4. ed. *A formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro; Caxias do Sul: Educus, 1985.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1992.
- LAYTANO, Dante de. Os açorianos. In: *Enciclopédia rio-grandense*. v.1. Canoas: Regional, 1956.
- LAYTANO, Dante. *Arquipélago dos Açores*. Porto Alegre: EST, 1978.
- LAZZAROTTO, Danilo. *História do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- LIMA, Alcides. *História popular do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- NEIS, Rubem. *Guarda Velha de Viamão*. Porto Alegre: EST, 1975.



- OSÓRIO, Helen. *Estanceiros, lavradores e comerciantes na constituição da extremadura, portuguesa na América: Rio Grande de São Pedro, 1737-1822*. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Fluminense, 1999.
- RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. Entre a doçura e a brutalidade: a construção da imagem açoriana no Rio Grande do Sul. *Estudos Leopoldenses*, Série História, v. 6, n. 1, 1997, p.103-107.
- TELLES, Norma Abreu. *Cartografia Brasilis: esta história está mal contada*. São Paulo: Loyola, 1984.
- TORRES, Luiz Henrique. Paradigmas da história colonial do Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Temas de história do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1994.
- VARELA, Alfredo. *Rio Grande do Sul*. Descrição física, histórica e econômica. Pelotas: Livraria Universal, 1897.

